



Os looks da primeira-dama sírio-americana de Nova York são despojados e repletos de significado



As botas são indispensáveis no guarda-roupa de Rama Duwaji



O corte de cabelo da primeira-dama se tornou tendência

e peças emprestadas. “Majestoso da maneira mais punk possível”, definiu.

Para a consultora de imagem e designer de moda Niágara Tavares, as escolhas de Rama deixam mensagens claras. “Rama Duwaji se apresenta sempre em tons neutros, silhuetas que fogem do esperado para uma primeira-dama, e tem um corte de cabelo que evidencia a sua personalidade. Mas para além das peças que chamam atenção pelo acabamento, materiais naturais e a estética em si, é o que está por trás que ganha destaque em todas as suas aparições. Ela sempre escolhe um designer/estilista palestino para vestir, o que infatiza sua posição política, enaltece as origens de sua família.”

Segundo Niágara, a moda atua como comunicação mesmo sem discurso verbal. “A primeira comunicação é sempre a não verbal, a imagem vem em primeiro lugar, antes de qualquer palavra proferida, principalmente se tratando de pessoas públicas.” Ela destaca ainda o uso da moda circular como novidade no cenário de primeiras-damas e como símbolo geracional.

Tudo é política

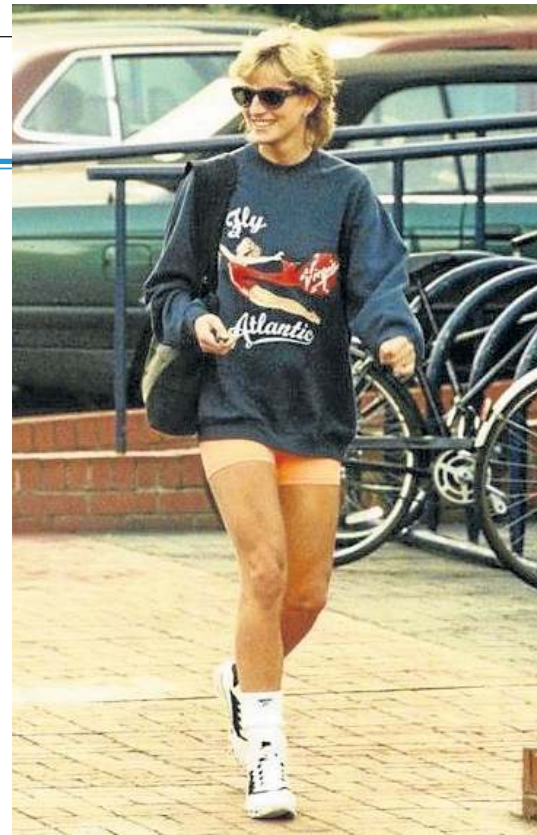
A professora e consultora de imagem Raquel Caixeta reforça essa leitura ao apontar que Rama “é antes de tudo, uma artista e utiliza seu trabalho como uma forma de ativismo e resistência política”. Para ela, a estética da primeira-dama une sofisticação, herança cultural e autenticidade, criando uma imagem de autoridade acessível, sem distanciamento do público.

Esse contraste fica ainda mais evidente quando olhamos para outros episódios recentes em que moda e poder se cruzam de forma oposta. O moletom Nike Tech Fleece usado por Nicolás Maduro quando foi capturado pelos Estados Unidos virou objeto de desejo em minutos. O conjunto esgotou, impulsionou buscas no Google e revelou como até regimes autoritários produzem símbolos estéticos capazes de mobilizar consumo e identificação.

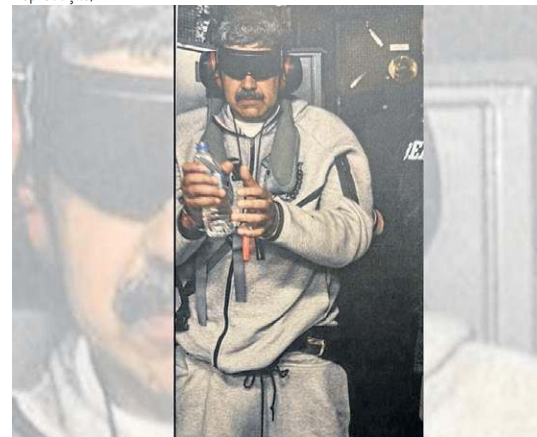
No Brasil, esse fenômeno não é estranho. A camisa da Seleção, o boné de campanha, a bandeira nacional, tudo se transforma em código político. As comparações constantes entre os looks de primeiras-damas brasileiras, como Michelle Bolsonaro e Janja da Silva, revelam como estética, classe e ideologia se misturam em julgamentos travestidos de opinião de moda.

Historicamente, como lembra o pesquisador Louis Pisano, regimes autoritários sempre entenderam o poder da imagem. Do fascismo europeu às estéticas tecnológicas contemporâneas, roupa, design e visualidade nunca foram neutros. A diferença é que, hoje, o discurso pode vir suavizado, diluído em capas de revista, desfiles e narrativas aspiracionais.

É nesse cenário que Rama Duwaji se destaca. Sem uniformes, sem slogans, sem discursos inflamados, ela transforma vestimentas em manifesto. Assim como Diana fez nos anos 1990, Rama sinaliza que ocupar espaços de poder ao lado de líderes políticos não significa submissão ou silêncio.



Por meio das roupas, Diana quebrava protocolos e regras rígidas impostas pela monarquia britânica



Nicolás Maduro ao ser capturado por Donald Trump

O moletom esportivo da Nike utilizado por Maduro esgotou no site oficial da marca horas após a foto do líder político ser compartilhada

